

# IMPRESSÕES SOBRE UM HISTORIADOR LITERATO<sup>1</sup>

Helena Bomeny

## RESUMO

O artigo toma como referência o livro *New World soundings*, de Richard Morse, onde este apresenta uma análise comparativa de autores norte-americanos e brasileiros (T.S. Eliot *versus* Mário de Andrade; William Carlos Williams *versus* Oswald de Andrade). A autora faz uma reflexão sobre a decisão de Morse, nos anos 70, de mudar seu foco de interesse para a cultura, depois dedicar-se por trinta anos ao estudo da urbanização. E contrapõe à interpretação de Morse, elaborada a partir de seu contato com os modernistas paulistas, sua própria interpretação, a partir de um estudo sobre os modernistas de Minas Gerais.

*Palavras-chave:* Richard Morse; história; literatura; Brasil; EUA; São Paulo; Minas Gerais; modernismo.

## SUMMARY

This article focuses on Richard Morse's book *New World soundings*, where he presents a comparative analysis of American and Brazilian writers (T.S. Eliot vs. Mário de Andrade; William Carlos Williams vs. Oswald de Andrade). The author discusses Morse's decision in the 1970s to redirect his interests towards culture, after having dedicated thirty years to studying urbanization. She also offers a counterpoint to Morse's interpretation, which is based on his contact with São Paulo writers, by studying modernists from Minas Gerais.

*Keywords:* Richard Morse; history; literature; Brazil; USA; São Paulo; Minas Gerais; modernism.

Groucho Marx, tornando-se diretor de um hotel, manda que os números dos quartos sejam mudados. Seu secretário, estupefato: "Mas pense na confusão!" — Groucho: "Mas pense na diversão!"  
(*Room Service*, 1938)<sup>2</sup>.

Começo com o próprio Richard Morse: "Na verdade, estudei urbanização durante trinta anos e só então, em desespero, voltei-me para a cultura"<sup>3</sup>. Esta confissão, dirigida a seus críticos em texto recente, parece querer dizer mais do que a primeira impressão sugere. Seu "voltar-se" para a cultura pode ser lido como (1) a incorporação da produção literária como fonte legítima de reflexão historiográfica, e (2) uma recusa implícita dos métodos e procedimentos mais sistemáticos de pesquisa, em indiscutível processo de ascensão e valorização no campo da história

(1) Texto escrito para a conferência "Reflections on Culture and Ideology in the Americas", promovida pela The Catholic University of America, Washington, março de 1993, em comemoração aos setenta anos do historiador Richard Morse.

(2) Tomo esta citação do texto de Daniel Milo, "Pour une histoire expérimentale ou la Gaie Histoire".

e das ciências sociais nos anos 70, quando Morse mudou seu foco de interesse. Proponho com este texto um exercício sobre as duas afirmações acima. Minha referência está no livro *New world soundings*, especialmente no capítulo onde Richard Morse cruza personagens das literaturas norte-americana e brasileira, ou seja, onde ele faz uma comparação instigante entre Mário de Andrade e T.S. Eliot e Oswald de Andrade e William Carlos Williams<sup>4</sup>.

Morse constrói sua análise comparativa com textos (poemas) literários dos poetas brasileiros e norte-americanos, reforçando com eles sua tese mais geral sobre a forma particular como a anglo-América e a ibero-América viveram a experiência moderna. Pelo Brasil falam os modernistas paulistas, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, e através deles Morse deixa transparecer a intimidade que travou ao longo de décadas com os avanços, recuos, nuances e estilos que foram se depurando na corrente modernista que vinha de São Paulo. A tradução que o historiador americano faz do Brasil é profundamente marcada por sua leitura minuciosa e apaixonada de nossos modernistas, particularmente dos dois paulistas mencionados. Esta escolha de Morse me leva ao segundo objetivo deste texto, qual seja, o de trazer o contraponto da primeira geração modernista de Minas Gerais, a geração de Carlos Drummond de Andrade, dos poetas e escritores que se notabilizaram pela participação na burocracia do Estado e na montagem do grande projeto cultural do Ministério da Educação do pós-1930 sob a gestão do mineiro Gustavo Capanema.

Tem portanto dois objetivos este artigo: primeiro, refletir sobre a decisão de Richard Morse de mudar seu foco de interesse nos anos 70; segundo, estabelecer um contraponto entre a interpretação que elaborou a partir de seu contato com os modernistas paulistas, e minha própria interpretação a partir do estudo que fiz dos modernistas de Minas Gerais, a geração do poeta Carlos Drummond de Andrade.

### O historiador ensaísta e a comunidade dos cientistas

A afinidade de Morse com a literatura, e sua recusa aos procedimentos mais sistemáticos do trabalho científico, não encontraram sempre boa acolhida na comunidade dos cientistas sociais e dos historiadores no Brasil<sup>5</sup>. Se aceitamos a tese do vínculo estreito que deve ser mantido entre teoria e sociologia, e se nos colocamos de acordo com outra noção segundo a qual a história mantém laços mais indissociáveis com o método do que com a teoria<sup>6</sup>, poderemos vislumbrar os desdobramentos da rebeldia de Morse ferindo os cânones de ambas as comunidades, a dos cientistas sociais e a dos historiadores. Por um lado ou por outro, a atitude de Morse contrariava tanto a tradição teórica dos trabalhos sociológicos, quanto a rotina metódica da orientação historiográfica.

Não deixa de ser curiosa, diria até sintomática, a forma invertida com a qual Richard Morse se apresenta diante da comunidade acadêmica no Brasil. Nos anos 40 e 50, época em que ressoavam na produção intelectual os grandes ensaios, os trabalhos interpretativos de cunho mais literário, Morse estava envolvido com a pesquisa urbana sobre São Paulo, deixando como produto de seu investimento um livro que pode ser inscrito nos manuais clássicos da análise sociológica — a passagem da comunidade à sociedade, a transformação do ambiente tradicional na complexa estrutura de organização da grande metrópole. Nos anos 70, o grande momento da institucionalização das ciências sociais, o momento da

(3) Esta citação é de um texto recente onde Morse retoma a polémica gerada pela tese de *O espelho de Próspero*. Cf. "El Espejo after a decade" (paper escrito para a conferência "1492 y la Población Indígena de las Américas", Flaco-Sede Ecuador, 27-30 jan. 1992). A versão em português foi publicada em *Presença*, Revista de Política e Cultura, Rio de Janeiro, nº 18, junho, 1992, pp. 123-52.

(4) Richard Morse. *New world soundings*. Culture and ideology in the Americas. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins University Press, 1989. Versão em português: *A volta de McLuhanama*: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria; tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

(5) A tese de *O espelho de Próspero* gerou uma polémica registrada nos artigos de Simon Schwartzman e nas respostas de Richard Morse publicadas em *Novos Estudos*, nº 22 (outubro 1988); nº 24 (julho 1989); nº 25 (outubro 1989). A polémica iniciada por *Novos Estudos* teve desdobramentos. Cf. Otávio Velho, "O espelho de Morse e outros espelhos". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989; José Guilherme Merquior, "O outro Ocidente"; Felipe Arocena, "Ariel, Caliban e Próspero: notas sobre a cultura latino-americana", ambos em *Presença*, Revista de Política e Cultura, nº 15, abril 1990; José Murilo de Carvalho, "A saga de um brasilianista nos trópicos", *Jornal do Brasil*, 21.7.1990; Lucia Lippi Oliveira, "Anotações sobre um debate". *Presença*, nº 16, abril 1991.

(6) Segundo esta visão, existe um divórcio entre história e teoria, de forma que a história permanece como "uma investigação acadêmica de eventos passados — simplesmente como eles de fato aconteceram, seguindo o modelo de Ranke — e, uma vez completada a investigação, a tarefa do historiador está terminada". Por outro lado, a teoria permanece como o "domínio das ciências sociais", motivo pelo qual "caso o historiador queira situar seu trabalho em um contexto teórico, ele deve recorrer às disciplinas não-históricas". Sobre estas associações que se estabeleceram entre sociologia e teoria, e história e método, ver: Gareth Stedman Jones, "From historical sociology to theoretical history". *The British Journal of Sociology*, vol. XXVII, nº 3, setembro 1976.

especialização e do esforço de distinguir a produção científica da produção ensaística, Morse vira seu leme na direção dos estudos de cultura. Os intelectuais que se empenhavam na institucionalização das ciências sociais, de forte impacto no Brasil dos anos 70 com a criação de institutos de pesquisa e programas de pós-graduação, não credenciavam a cultura como objeto de investigação científica. Esta não era definitivamente uma dimensão valorizada de análise naquele contexto das grandes teorias, dos grandes marcos estruturais, da procura de fortes padrões explicativos para análise política e sociológica. Além do mais, estavam em pleno processo de consolidação os procedimentos de pesquisa de forte sustentação empírica, requisito indispensável à legitimação do pesquisador e do cientista social. Processava-se gradativamente um entendimento entre os membros da comunidade científica a respeito de critérios de seleção/inclusão dos profissionais da ciência na própria comunidade. O esforço de distinguir as ciências sociais de sua versão literária, marca deixada no Brasil pela tradição dos ensaístas e a preocupação em formar profissionais atualizados segundo padrões internacionais de confiabilidade científica, tudo isto distanciava nossa comunidade de cientistas sociais de um projeto menos sistemático de investigação<sup>7</sup>. Se o resultado dos trinta primeiros anos de investigação sobre urbanização habilitava Morse a ingressar na comunidade acadêmica, o "voltar-se desesperado" para a cultura insinuava uma mensagem dupla: a recusa aos procedimentos tão cuidadosamente vigiados pela nova geração de cientistas sociais, que recém-voltava do exterior com projetos e programas de institucionalização do campo da ciência social no Brasil, e a escolha de uma parceira (a literatura) sob muitos pontos de vista suspeita aos intentos acadêmicos, salvo se submetida aos rigores metodológicos aos quais Morse rendia muito pouca homenagem<sup>8</sup>.

Do lado dos historiadores, a recepção dos trabalhos de Morse não parecia muito mais calorosa. Aqui a provocação viria em parte do próprio Morse, que, em seu processo de incorporação de problemáticas das ciências sociais e da filosofia, acabaria descuidando de uma certa rotina do ofício do historiador, baseada em uma ampla sustentação documental e empírica. Além deste aspecto, a atitude de Morse criava desconforto aos mais empenhados na construção da identidade do historiador e aos defensores de uma forma específica, mais convencional e sistemática, de narrativa histórica. No próprio texto em que declara sua afirmação "desesperada" pela cultura, Morse cita aqueles que poderiam se constituir em suas "afinidades eletivas" — Vico, Herder, Michelet, Berlin —, que de comum teriam algo como a procura do entendimento humano daquilo que é produzido pelo próprio homem, o que vale dizer, a permissão de uma frente mais ampla de definição, não só do objeto de pesquisa como das interpretações que a partir dele pudessem ser elaboradas.

O vínculo intelectual que nosso historiador veio estabelecer no Brasil desde os idos de 1940 fez crescer nele o entusiasmo pela literatura como fonte e embasamento das suas reflexões. Chegando a São Paulo, entra em contato com figuras exemplares de nossa tradição ensaísta. Pela história, encontra em Sérgio Buarque de Holanda o exemplo de alguém tomado pela busca incessante do que caracteriza culturalmente o Brasil, das grandes linhas que nos afinam com ou distanciam dos marcos culturais paradigmáticos, e até do papel da dimensão afetiva na constituição da identidade dos povos. Morse encontra em Sérgio Buarque de Holanda o exemplo de uma versão de historiografia cultural, além do reforço ao contrabando legítimo de problemáticas e conceitos das ciências sociais para as análises de tipo historiográfico. É sugestiva, e nada casual, a enorme influência de

(7) Para um acompanhamento das questões que envolveram a organização das ciências sociais no Brasil ver, entre outros: Sérgio Miceli, "Condições do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil (1930/1964)". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 2(5): out. 1987; Idem, org. *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo, Vértice/IDESP, 1989; Lucia Lippi de Oliveira, "Donald Pierson e a sociologia no Brasil". *BIB*, Rio de Janeiro, nº 23, pp. 35-48, 1987; Maria Isaura Pereira de Queiroz, "Desenvolvimento das ciências sociais da América Latina e contribuição europeia: o caso brasileiro", *Ciência e Cultura*, São Paulo, 41(4), pp. 378-88, abril 1989; Andréa Moraes Alves, "Sociologia" e "Clima": *Dois caminhos, um debate*. Departamento de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (monografia de conclusão do curso de graduação em ciências sociais), Rio de Janeiro, 1991.

(8) Um exemplo de preocupação com este rigor metodológico pode ser visto na reflexão de Peter Laslett, "The wrong way through the telescope: a note on literary evidence in sociology and in historical sociology". *The British Journal of Sociology*, vol. XXVII, nº 3, September 1976, pp. 319-42.

Weber sobre as tipologias que Sérgio Buarque propõe para pensar a cultura brasileira.

Pela sociologia, Morse escolheria como interlocutor, e até como paradigma, Antônio Cândido, através de quem alimentava sua convicção de que a ciência social deveria refletir a procura compreensiva do significado das diversas experiências sociais. Um dos capítulos da história da sociologia no Brasil incorpora a influência de uma matriz literária, e em São Paulo acabou tendo em Antônio Cândido uma de suas figuras ilustres. A decisão por um padrão científico de ciências sociais passou pela crítica depurada desta versão literária que impregnava não só a tradição brasileira, mas que estava associada a uma tradição maior, latino-americana, marcada por um estilo refratário a objetivação e à sistematização. Reforçada pela literatura, essa tradição privilegia o estilo ensaístico como um traço valorizado das ciências sociais em sua versão humanista.

Chegando pelos ensaístas, Morse não teve qualquer dificuldade em estabelecer pontes com os literatos "da outra banda da terra". Os poetas norte-americanos integram a comunidade dos modernistas brasileiros a despeito da distância de mundos e de tradições culturais. Antônio Cândido lembrou em uma de suas conferências a rara fidelidade que Morse manteve ao longo da vida a uma forma assimétrica, curiosa, e às vezes contraditória, de relação entre atividade intelectual e convicção política. Manteria o conservadorismo na política, quando aquela geração de intelectuais com a qual se encontrou de início no Brasil não conseguia separar da atividade literária a crítica ao *status quo*. Por outro lado, e corajosamente, rompia, "revolucionário", os dogmas consagrados da academia, ofendendo prescrições, ousando interpretações, provocando espíritos. Esta *indiferença* pela política, de um lado, e esta irreverência intelectual, de outro, talvez tenham se combinado de forma a estruturar o que o mesmo Antônio Cândido chamou o "ecumenismo" de Morse que o fez aproximar culturas tão distintas, políticas tão irreconciliáveis em sua tese sobre a anglo-América e a ibero-América<sup>9</sup>. Descomprometido politicamente, aproxima culturas diluindo diferenças; com a liberdade "revolucionária" da escrita, casa personagens, cruza idéias, subverte ordens e greis profissionais.

Morse nem se comoveria com o "fetiche do método", nem se deixaria constranger pelas possíveis ressalvas e censuras a uma narrativa literária que manteria em seus ensaios historiográficos. Neste particular, ele estava em linha de colisão com os sociólogos, cientistas políticos e mesmo historiadores, que se empenhavam por distinguir o estilo literário do estilo científico. E, sem dúvida, estava "antecipadamente sintonizado" com a tendência que nos anos 80 tomara conta do debate historiográfico a respeito da reincorporação da literatura como fonte documental, e até com a discussão a respeito da narrativa histórica, de grande impacto ao longo de toda a década dos 80, seguindo pela década dos 90.

O historiador Dominick Lacapra vincula a separação entre história e literatura não só à orientação geral a que se procedeu no século XIX com a defesa e a obstinação de se construir o "campo científico para a história", mas particularmente à proximidade com as ciências sociais que teria resultado no fechamento de uma porta importante de diálogo, em nome da precisão e do "refinamento" conceitual<sup>10</sup>. Falando de dentro da tradição da crítica literária, Lacapra procura os caminhos da leitura crítica do romance como uma forma de beneficiar a própria tradição historiográfica na medida em que alerta o historiador sobre as vozes contestatórias, os contradiscursos do passado. Ou seja, o encontro da história com o romance poderia levar a historiografia a se tornar uma voz mais crítica nas "ciências humanas".

(9) Cf. Antônio Cândido, "Young Mr. Morse". In: *Um americano intranquilo*. Homenagem a Richard Morse. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1992.

(10) O texto de Lacapra é uma defesa do valor do romance, como o gênero da época burguesa, para a história. "[...] o romance é relevante à pesquisa histórica na medida em que pode ser convertido em informação ou conhecimento útil". Cf. Dominick Lacapra. *History and Criticism*, 1985.

Naturalmente que tal perspectiva "discursiva" do relato historiográfico é completamente marginal à tradição da história científica, quer estimulada pela abertura de novas fontes documentais como os arquivos oficiais no século XIX, quer pela construção de novos modelos ou novos métodos, quem sabe na trilha das ciências "nomotéticas" inspiradas no "sistema de leis e regras sob o qual o material factual poderia ser reunido de modo a produzir conhecimento novo"<sup>11</sup>. Lawrence Stone inclui entre as tendências que impuseram novos modelos e métodos o modelo econômico marxista, o modelo ecológico-demográfico francês (incluindo-se aqui a Escola dos Anais que tem na quantificação a condição prévia para que a história possa pretender o estatuto científico) e a metodologia "cliométrica" americana. De comum aos três modelos, a preocupação com *explicação da transformação* histórica. Distinguem-se pela forma como abordam ou elegem os métodos e as perspectivas selecionadas para explicá-la. Na escala hierárquica de importância que as três modalidades estabelecem posicionam-se, por ordem: (1) fatos econômicos e demográficos; (2) estrutura social com suas grandes linhas de articulação; e (3) desenvolvimentos intelectuais, religiosos, culturais e políticos<sup>12</sup>. Todas as alterações no nível cultural, todos os grandes movimentos intelectuais (incluindo-se aqui a Reforma e o Iluminismo) foram desconsiderados como subordinados às duas ordens anteriores, prioritárias em importância empírica e credenciadas do ponto de vista do modelo e do método. Mas fracassaram as ambições e pretensões sustentadas nas certezas das fórmulas matemáticas, das previsões, das generalizações, dos processamentos científicos segundo as mais recentes novidades tecnológicas, e especialmente não se cumpriu a profecia de Le Roy Ladurie segundo a qual "nos anos 1980 os historiadores serão programadores ou não serão nada". Tal fracasso obrigou a um enfrentamento da decepção criada por expectativa não alcançada<sup>13</sup>. As pressuposições e pretensões da história científica foram de certa forma abaladas, *desafiadas* com o ensaio de Croce sobre história como arte (1893), com a declaração de Trevelyan em defesa da história como uma *musa* (1903), e durante o mesmo ano (1903) com a crítica à história científica feita por Edward Meyer. O recolhimento do cientificismo na Alemanha e na Inglaterra se dava ao mesmo tempo em que a França procurava fazer da história a ciência-síntese entre as ciências sociais emergentes. Aqui a expressão mais bem acabada é Henri Berr com a escola fundada em torno de 1900. Na América, a New History com James Harvey Robinson marcava o debate com o tom da "utilidade" de toda a ciência, inclusive da História.

Paralelamente a todo esse processo, mantinha-se o olhar desconfiado em torno do excesso de especialização. De um tronco principal a partir do qual se dividiam os campos — história política e diplomática — novos ramos desabrocharam no final do século XIX — História Econômica, História Social, História Legal. O início do século XX assistiria ao florescimento da História das Idéias, da Cultura e da Arte. Os historiadores olhavam o que Dilthey chamava de "ciências da cultura" e se entusiasmavam pela possibilidade do contato com os clássicos Durkheim, Weber e Freud. Cada um desses ramos transformava-se em um campo de especialização que vinha a exigir dos profissionais tratamento, metodologia e fontes tão distintas que acabou por obrigar a um esforço colaborativo interdisciplinar entre especialistas e, principalmente, entre campos distintos do conhecimento.

Sem dúvida que a polêmica entre os historiadores e os filósofos da história enriqueceu sobremaneira o debate em torno dos caminhos da historiografia. Ainda que não tendo cumprido seu projeto ambicioso de abarcar a realidade por todos os aspectos possíveis de análise, a Escola dos Anais, em sua reação à velha história, a

(11) Cf. Isaiah Berlin, "History and theory: The concept of scientific history". *History and Theory*, Wesleyan University, 1960, p. 7.

(12) Cf. Lawrence Stone, "The revival of narrative: Reflections on a new old history". *Past and Present*, nº 85, nov. 1979, pp. 3-24.

(13) Lawrence Stone, op. cit.

história política e diplomática, amplia consideravelmente o campo de investigação historiográfica, permitindo um diálogo extremamente fértil entre as chamadas disciplinas — antropologia, sociologia, demografia, geografia, psicologia, e mesmo a semiótica e a lingüística. Talvez não seja equivocado dizer que, partindo de um terreno avesso ao "subjativismo literário" na busca da precisão científica, a Escola dos Anais acabaria tocando campos especiais de interpretação e representação do social. Este contato tangencial permitiria o desenvolvimento de outro campo da historiografia, o da história das mentalidades — criticado por alguns por sua ambigüidade e imprecisão<sup>14</sup> —, um campo que, com mais flexibilidade, consideraria a possibilidade do reingresso da literatura como uma das fontes possíveis e legítimas de informação historiográfica.

Portanto, a provocação inicial de Morse de seu "voltar-se desesperado" para a cultura teria *quem* e *o que* provocar. Longe de obter consenso entre os historiadores, causaria igualmente estranheza entre os membros da comunidade dos cientistas sociais, que viam na depuração metodológica e no refinamento conceitual a possibilidade de concorrer com modelos mais poderosos de explicação do social. Sua crença na precedência do *homo literatus* sobre os demais — *homo sociologicus*, *homo economicus*, *homo politicus* — e sua paixão pelos processos mentais de longa duração fortaleceram sua ligação com a literatura e sua convicção de que a chave para se compreenderem os grandes processos estaria no intercâmbio permanente entre história e literatura. Esta espécie de inversão de precedências deixaria o "historiador literato" Richard Morse em posição desconfortável na tradição dos historiadores modernos, especial e particularmente, na tradição da historiografia norte-americana que se caracterizou pela ênfase na hiperespecialização e profissionalização, de um lado, e, de outro, no reforço aos pressupostos de uma história pátria<sup>15</sup>. A "história profissional" dos norte-americanos ou a "história científica" da corrente moderna da historiografia internacional não exerceriam nenhum fascínio sobre o historiador literato Richard Morse, cujo olhar se dirigia mais atenciosamente para as culturas ibéricas que ainda, segundo seu ponto de vista, conservavam como princípio traços típicos e estruturais da matéria de constituição do *homo literatus* refratário às imposições das teorias sociais, dos métodos quantitativos e estatísticos, e à sucessão ordenada e desmotivada de uma narrativa cronológica, descritiva e factual.

### O historiador e os literatos

Os modernistas paulistas, Mário de Andrade e Oswald de Andrade, estimularam em Morse muitos de seus traços mais próprios. Eruditos, bem-humorados, irreverentes, construíram uma linguagem própria para representar aquela que seria a mais nova cultura integrante do "concerto das nações", expressão cunhada nos anos 20 por Mário de Andrade. *New world soundings* rende a devida homenagem do historiador americano àquela geração que pretendia não deixar de pé boa parte da cultura brasileira. A irreverência e assistemática que os paulistas sugeriam a Morse encontrariam seu contraponto ideal no grupo modernista de Minas Gerais que participou ativamente na construção de um outro padrão de comportamento, também de longa vida no Brasil. Em contraponto à irreverência paulista podemos trazer a geração do poeta Carlos Drummond de Andrade, os intelectuais da rua da Bahia na cidade de Belo Horizonte, geração que se notabilizou no pós-30 pela

(14) Eric Hobsbawm é um dos críticos contundentes desta versão historiográfica.

(15) Cf. Maurício Tenório, "Frontier in the making: La escritura de la historia en los Estados Unidos". Stanford University, mimeo. Ver também do mesmo autor, "Profissão: Latin Americanist Richard Morse e a historiografia norte-americana da América Latina", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989. Ainda sobre historiografia norte-americana e seu diálogo com as ciências sociais ver Gerson Moura, "Distância e diálogo: História e ciências sociais nos EUA", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, nº 5, 1990.

montagem de um grande projeto de educação e de cultura para o Brasil. Recrutado por um amigo de geração, o ministro da Educação Gustavo Capanema, o grupo de Minas Gerais ficou associado na memória da cultura brasileira com personagens ligados à política do patrimônio histórico nacional, à reforma do ensino secundário, a criação da Cidade Universitária, ao fechamento da Universidade do Distrito Federal (UDF), aos projetos arquitetônicos modernos.

Os modernistas mineiros foram protagonistas desta espécie de epopéia nacional, e muito embora tivessem convocado Mário de Andrade para formulação de projetos culturais, é difícil defender a idéia de que a institucionalização da educação e da cultura, que teve sua arquitetura desenhada no regime Vargas do pós-1930, tenha trazido o selo dos modernistas paulistas aos quais Morse dedicou boa parte de sua reflexão<sup>16</sup>. A geração modernista de Minas Gerais foi de fato protagonista de projetos sistemáticos e de impacto institucional, como o de formular uma política cultural e estabelecer um projeto de educação para o Brasil. Foi um ministério identificado com os intelectuais, com a poesia, com os modernistas, com os Pioneiros da Escola Nova, enfim, com figuras notáveis como Carlos Drummond de Andrade, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Gustavo Capanema... Contou até com a participação menos permanente de Mário de Andrade. Mas não foi um ministério que pudesse ser confundido com Mário de Andrade. Um ministério controvertido porque, ao lado de tantos talentos da literatura e da cultura brasileiras, deixou também o registro do fechamento da Universidade do Distrito Federal, da perseguição aos comunistas, da intervenção do líder católico, à época extremamente conservador, Alceu Amoroso Lima, de estreito contato com os intelectuais de Minas Gerais, da intervenção da Igreja Católica, da influência e interferência do exército em projetos educacionais de cunho cívico-nacionalizante. Não era inocente portanto, e sequer exclusivamente literária, a passagem dos modernistas de Minas Gerais pelo cenário nacional.

A geração de modernistas mineiros nos abria outra chave para compreender o próprio Brasil. Através deles seria possível descortinar uma face mais formalista da cultura brasileira, mais "comportada", mais conservadora, sem dúvida mais burocrática, comprometida com a institucionalização de políticas e processos culturais. Seria possível a partir daquele grupo de literatos ousar uma interpretação sociológica mais circunstanciada do que aquela a que Morse chegaria a partir de sua leitura dos dois modernistas paulistas, Mário de Andrade e Oswald de Andrade.

O contato que Morse teve com os dois modernistas paulistas fortaleceu nele a convicção de que a cultura brasileira, neles representada, oferecia ao mundo ocidental um exemplo de resistência à racionalização instrumental pela forma irreverente, assistemática, crítica e bem-humorada com que os modernistas se referiam aos processos culturais e políticos. *Macunaíma*, a obra-prima de ficção de Mário de Andrade, trazia com seu herói traços muito pouco valorizados por uma cultura movida segundo critérios de juízo racional crítico, formal, previsível. A preguiça, a indolência, a sensualidade, a imprevisibilidade, a irreverência e, sobretudo, a desobediência do Macunaíma, "herói sem caráter", ao seu próprio criador (Mário de Andrade) revelavam o quanto de resistência seria possível encontrar no nosso cotidiano aos processos mais uniformizadores tão ao gosto das culturas anglo-saxônicas. A proximidade dos intelectuais de Minas Gerais com o poder e com a oficialidade que transformou Drummond no "poeta-funcionário", expressão cunhada pelo próprio poeta Drummond, interditaria em grande medida ousadias como as que podiam ser exibidas pelos modernistas paulistas, particularmente pela versão oswaldiana.

(16) Mário de Andrade e Oswald de Andrade não esgotam o modernismo paulista. Boa parte dos estudos sobre o movimento modernista omite outros representantes de São Paulo como Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, historicamente identificados com uma versão à "direita", e, no caso de Plínio Salgado, identificado com uma dimensão do movimento integralista brasileiro que o historiador Ricardo Benzaquen de Araújo qualificou como "totalitária". A leitura que Morse faz dos modernistas, e, ousar dizer, que alimenta sua visão da cultura brasileira, é fortemente influenciada pela perspectiva dos Andrades, e não dos outros personagens que compuseram o movimento modernista paulista (agradeço a Lucia Lippi Oliveira esta lembrança). Para uma interpretação de Cassiano Ricardo ver Mônica Pimenta Velloso, *O mito da originalidade brasileira: A trajetória intelectual de Cassiano Ricardo (do modernismo ao Estado Novo)*. Rio de Janeiro, PUC (tese de mestrado), 1983. Para uma análise do pensamento de Plínio Salgado ver Ricardo Benzaquen Araújo, *Totalitarismo e revolução: O integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro, Zahar, 1988.

A associação entre o grupo modernista mineiro e a formulação de políticas no Brasil do pós-30 tem merecido atenção de pesquisadores. E um dos temas intrigantes é sem dúvida o vínculo tão estreito entre aqueles homens de letras e processos político/burocráticos mais gerais<sup>17</sup>. A compreensão deste vínculo poderia iluminar traços mais típicos da cultura brasileira. Nossos homens de letras de então, os intelectuais modernistas, teriam muito o que esclarecer sobre a institucionalização de um certo padrão de cultura e de política no Brasil do pós-30. Com esta afirmação podemos chegar a uma correspondência tão cara a Morse entre criação literária e desvendamento de processos histórico-culturais.

Do grupo paulista, Mário de Andrade foi o que mais se aproximou não só dos modernistas mineiros, especialmente de Carlos Drummond de Andrade, como da formulação do grande projeto cultural dirigido pelo grupo mineiro. Este aspecto distinguia Mário de Andrade do "fragmentário" Oswald de Andrade. Mário de Andrade chega a participar do governo com a elaboração de projetos importantes, como o do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atendendo ao convite feito pelo ministro Capanema em 1936, ocasião em que Mário de Andrade estava à frente do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo. É quase uma heresia associar o nome de Oswald de Andrade a iniciativas deste matiz organizacional... Não foi casual a comunicação que pôde ser estabelecida entre Mário de Andrade e Carlos Drummond. Trata-se de um diálogo extremamente rico que permite contrastar versões do modernismo em sua passagem por São Paulo ou por Minas Gerais. O diálogo que procurei reconstruir entre Carlos Drummond e Mário de Andrade encontrou apoio substancial no exercício anterior desenhado por Morse no texto ao qual me referi do *New world soundings*<sup>18</sup>.

Na tradição intelectual brasileira ficou o registro de um discurso, vulgarizado pelo nome *mineiridade*, que deve muito à geração de Carlos Drummond de Andrade. Um discurso que fala de valores e padrões de comportamento que atravessavam regiões porque diziam respeito a processos comuns, cotidianos e compartilhados por universos maiores do que aquele restrito às Minas Gerais. Um discurso identificável fora de Minas Gerais porque vai ao encontro de uma tradição formalista da cultura brasileira que tem nos regulamentos, nos processos burocráticos, na ânsia de sistematização legal uma espécie de contrapartida compensatória ao que teima em não se enraizar na nossa experiência cotidiana.

Os modernistas paulistas são as chaves com as quais Morse pretende chegar à distinção entre universos mentais. A teia que cria entre os quatro literatos — Mário de Andrade e T.S. Eliot, e Oswald de Andrade e William Carlos Williams — resguarda a tese mais geral de que os modernistas paulistas e norte-americanos são escritores tocados pelos efeitos da modernidade, pela racionalização do mundo e o lugar da civilização (humanidade) neste processo. "[...] dois pares de escritores americanos que [...] acompanharam as tendências européias nos campos do intelecto e da sensibilidade."<sup>19</sup> O capítulo que traz Mário de Andrade e T.S. Eliot é aquele onde Morse toma traços do modernista paulista preocupado em mostrar de que forma Mário de Andrade, partindo do particular, do local, do primitivo, atribui à civilização um sentido distinto daquele que boa parte da tradição intelectual confundira com progresso, com racionalização. Mário de Andrade resiste à versão mais instrumental da racionalização sugerindo ao país a "terapia da indolência", o sentido da preguiça, da conversa fiada, do "quality time". Os escritos de Mário e Oswald de Andrade fortalecem em Morse a convicção de que é possível combinar modernidade com experiências de sensibilidade e magia resistentes aos excessos da secularização. Assim como Macunaíma escapou ao controle de Mário de

(17) Este processo mais geral, de que os intelectuais mineiros constituem só um exemplo particular, foi sugestivamente descrito e interpretado por Angel Rama em *A cidade das letras* (São Paulo, Brasiliense, 1985). A respeito da atuação dos intelectuais mineiros na política nacional ver, entre outros: Simon Schwartzman, Helena Bomeny e Vanda Ribeiro Costa, *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Ver também, Helena Bomeny, *Mineiridade dos modernistas*. A República dos mineiros. (Tese de doutorado, Rio de Janeiro, IUPERJ, 1991)

(18) Cf. Helena Bomeny, *Mineiridade dos modernistas*, op. cit., especialmente o capítulo "Guardiães da razão".

(19) Richard Morsen, *New world soundings*, op. cit.



Andrade no gesto de incontrolável rebeldia e incontida irreverência, também nossos modernistas, na leitura de Morse, contrariavam os pressupostos da racionalização com a criação literária impulsiva, apaixonada e fragmentária, quer na tradução expressiva de São Paulo, nossa mais moderna cidade, em "Paulicéia desvairada", como quis Mário de Andrade, quer nas provocações irreverentes e assistemáticas de Oswald de Andrade. É esta recusa de obediência ao mundo secularizado, ao fio ordenador de uma história linear, totalizante ou messiânica, que estimula Morse. "Os ângulos de visão de Oswald de Andrade são, quase todos, móveis. É do interior dos veículos de terra, mar ou ar que o autor se localiza. Tempo, território, sociedade e cultura desfilam por suas janelas convertidas em telas de cinema..."<sup>20</sup>.

Morse esteve atento às análises contemporâneas que recuperaram Oswald de Andrade à luz de questões postas pela historiografia contemporânea, não mais encapsulada em um ideal de tempo, espaço e narrativa construídos simetricamente. O tempo historiográfico de Oswald de Andrade acaba tendo seu resgate em momento posterior, momento em que se questiona a perspectiva unicista, ordenadora e linear da narrativa histórica. Os Andrades paulistas municiam Richard Morse de material abundante para este novo resgate. Macunaíma, o herói que escapou ao controle e ao projeto de seu criador, não impediu o engajamento institucional de Mário de Andrade à frente da Secretaria de Cultura de São Paulo e no ministério Capanema nos idos de 1930/40. A ficção macunaímica portanto não é enfeitiçadora o suficiente a ponto de comprometer o compromisso e a noção de um *tempo histórico ordenado* que Mário de Andrade deixa transparecer nos documentos, anteprojetos, pareceres e cartas aos amigos de geração<sup>21</sup>. Seu modernismo romântico não o deixa perder a noção messiânica de salvar o Brasil, de realizar a promessa iluminista de aperfeiçoamento humano<sup>22</sup>.

A combinação da leitura antropológica com o marxismo alimentou em Mário de Andrade a crença de que seria possível conciliar o primitivo com o moderno, um arroubo romântico de utopia revolucionária. O encontro de Mário de Andrade com Drummond nos revela o tom da distinção entre visões de mundo dentro de uma matriz iluminista de reflexão. Ao projeto pedagógico e romântico de Mário de Andrade, Drummond se contrapõe com um realismo quase cético, individualista, mais ao estilo weberiano. Se há em ambos, Mário de Andrade e Carlos Drummond, a crença de que a natureza humana não está dada, é ato de conquista e de trabalho, há igualmente a diferença marcada entre ambos a respeito da possibilidade e do sucesso da intervenção humana neste processo. E se é possível sugerir uma distinção mais nítida entre o modernista paulista e o modernista mineiro, trata-se da permanência de um viés romântico em Mário de Andrade e de uma espécie de resignação cética que não abandona o poeta Carlos Drummond de Andrade. Mesmo consciente dos limites que o contexto impunha aos seus ideais, mesmo em momentos de desencantamento e decepção com os fracassos de suas mais profundas esperanças a respeito do Brasil, Mário de Andrade ainda mantinha aceso o entusiasmo por uma pedagogia da emoção para redesenhar o Brasil. Por isso o contraponto com os modernistas mineiros pode ser instigante.

Quando resgata expressões tão notáveis do modernismo paulista, Morse está empenhado em mostrar um bolsão de resistência ao que seria a instrumentalidade em que pode ser degenerado o projeto moderno, secular e racionalizador. Ao contrário desta sugestão, o trajeto daquela primeira geração modernista mineira que se notabilizou fora de Minas nos conduz a outra dimensão: foi bem-sucedido no esforço da *construção de padrões normativos, racionalizadores, formalizadores e*

(20) Antônio Celso Ferreira, "História que se fragmenta. Oswald de Andrade, Marco Zero", *História*, São Paulo, v. 10, pp. 25-40, 1991.

(21) Esta face mais iluminista de Mário de Andrade é o que a meu ver facilitou seu diálogo com Carlos Drummond de Andrade, diálogo impossível com o outro modernista paulista, Oswald de Andrade.

(22) Esta é uma interpretação com a qual Morse se mantém afinado. A referência que faz à análise de Novaes Coelho é sinteticamente ilustrativa: o autor vê em Mário "uma consciência histórica e uma visão ordenadora do universo", e no Oswald de Andrade da obra inventiva "uma consciência anti-histórica, uma visão fragmentada do mundo, em evidente sintonia com aquele espírito criador anárquico". Richard Morse, *A volta de Maculaíma*, op. cit., p. 106. A referência a Novaes Coelho foi retirada de *Mário de Andrade para a jovem geração* (São Paulo, 1970, pp. 26-41).

*sistêmicos* quando na liderança da política da educação e da cultura do Estado brasileiro no pós-30.

A esta altura, torna-se irresistível para mim a tentação de sugerir um paralelo provocador entre as imagens contrapostas de uma sociedade barroca (portanto conflituada, tensa, tortuosa) como a de Minas Gerais, produzindo, como que em um gesto de autodefesa, um discurso unificado e linear, racional e clássico, e a imagem de uma sociedade moderna e de mercado como a de São Paulo, que, com estilos ficcionais, autorizou a Richard Morse a liberdade de, a partir deles, desenvolver uma narrativa "barroca" como tão instigantemente nos sugere Haroldo de Campos<sup>23</sup>. Da Minas Gerais barroca sairia como versão vencedora o modelo abstrato e ordenado de tanto impacto na institucionalização do Estado Nacional brasileiro. De São Paulo, metrópole em propulsão, sairiam o exemplar irreverente da literatura de ficção — *Macunaíma* — e os textos descontínuos e fragmentários de Oswald de Andrade. Na impossibilidade de unificar as diferenças e os interesses, São Paulo responde com discursos de valorização do local, do universal nascido das particularidades da província, das diferenças irreversíveis e irredutíveis a um modelo, e da impossibilidade de controle por um discurso unificador de disparidades multiplicadas. O controle exercido por uma imagem de unidade é inteiramente impensável na sociedade paulista dos imigrantes e das diferenças. A contrapartida à dinâmica das diferenças foi criar a idéia segundo a qual São Paulo é *um*, sendo muitos e desiguais. O peso do valor atribuído às particularidades relativiza a idéia de fragmentação e separatismo interno sob a crença de que os une algo como a "religião do trabalho" abençoada pela "religião do mercado" que prevê como princípio a convivência de distintas esferas de pertencimento.

Tivemos um ensaio deste discurso em Minas Gerais no início do século. João Pinheiro, republicano que assume o governo do estado de Minas Gerais no início deste século, talvez tenha sido o primeiro modernista mineiro. Tenta com sua experiência de empresário construir em Minas, e estender ao Brasil recém-republicano, a idéia de cidadania para o trabalho e pela educação. Este lado "paulista" do discurso mineiro, também batizado como "norte-americano", ficaria apenas nos registros documentais. A versão modernista mineira que prevaleceu estava mais afeiçãoada ao requinte do racionalismo abstrato francês criticado antes pelo próprio João Pinheiro, e tempos depois pelo modernista paulista Mário de Andrade em carta ao amigo Carlos Drummond<sup>24</sup>.

Há uma indicação bastante conhecida dos estudiosos da literatura brasileira que acredito seja um bom fio de costura final dos cruzamentos que venho fazendo com Morse até aqui. A feição caracteristicamente *documental* da literatura mineira, memorialista em seu conjunto significativo, é responsável, me parece, por uma correspondência entre criação literária e uma perspectiva de história bastante distinta daquela sugerida pela produção oswaldiana, no sentido preciso em que a literatura é ela própria fonte documental de reconstituição cronológica, fiel, de forte correspondência com os fatos do mundo real. "Mineiro gosta de falar do que aconteceu"..., ouvem com certa frequência aqueles que se dedicam à compreensão do estilo, ou do jeito de ser dos mineiros. Cheguei a me ocupar especificamente deste ponto em outro lugar<sup>25</sup>, não só sugerindo uma correspondência entre esta forma de criação literária e uma certa matriz historiográfica, como apontando a tensão que tal vínculo poderia ter trazido ao poeta Carlos Drummond, tensão atualizada em sua recorrente fidelidade/rejeição a Minas Gerais. O estilo permanentemente "anti-solene" e apimentado de humor de Richard Morse, como tão apropriadamente identificou Haroldo de Campos no texto citado, encontraria na

(23) Cf. Haroldo de Campos, "Richard Morse: um anglo-americano no trópico (entrópico)". In: *Um americano in-tranquilo*. Homenagem a Richard Morse. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas/CPDOC; 1992.

(24) Cf. *A lição do amigo*. Cartas de Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

(25) Cf. Helena Bomeny. "Encontro suspeito: História e ficção". *Dados*. Revista de Ciências Sociais, vol. 33, nº 1, 1990, pp. 83-118. Esta questão esteve presente também em minha tese de doutoramento, *Mineiridade dos modernistas. A República dos mineiros*. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), 1991, publicada com o título *Guardiões da razão*. Modernistas mineiros. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

prosa dos modernistas paulistas, mais do que na narrativa literário/historiográfica dos mineiros, campo fértil à sua (de Morse) leitura/versão peculiar do Brasil. Da literatura documental mineira é previsível que decorra uma narrativa linear, quase factual. Da moderna literatura de ficção dos dois modernistas paulistas é possível que se vislumbrem as frestas capazes de acolher a sinuosidade e o hermetismo barroco. E se é plausível supor que Morse tenha incorporado de Oswald de Andrade a irreverência estilística, o humor às vezes cáustico, e até um certo hermetismo, conservou de Mário de Andrade a paixão antropológica pelas coisas do Brasil, e uma crença messiânica e até romântica de que pela sensibilidade, pela intuição, e com o tempo, a sociedade caminharia na direção de uma civilização distinta daquela inscrita no Ocidente que, nas palavras de Morse, "torna-se cada vez mais provinciano em função de suas próprias pretensões universalistas"<sup>26</sup>.

Em comum com Morse, mantive ao longo de minha pesquisa a convicção de que poderia aprender muito sobre processos sociais a partir da literatura. A distinção viria, quem sabe, de nossas próprias inscrições profissionais. Eu acreditava, talvez pelos constrangimentos disciplinares mais comuns à sociologia, que poderia com mais legitimidade ousar interpretações sociológico-históricas a partir da literatura mineira pela particularidade da ligação que acabei de expor entre literatura e uma forma particular de narrativa histórica em Minas. O traço documental daquela literatura, a penetração dos literatos na política, o perfil cronológico das próprias poesias, tudo isto como que anteparava minha curiosidade, legitimando-a em meu campo de eleição disciplinar. Morse foi, sem dúvida, menos comprometido com tais constrangimentos. Mais livre, tomou os modernistas em suas manifestações menos "oficiais". Talvez isto se deva a uma tradição muito anterior de que ele é tributário, tradição que incorpora com naturalidade o encontro da história com a literatura, e que foi questionada mais severamente no final do século passado com o esforço de "cientificizar" a história, esforço até hoje em debate, não obstante todo um percurso refinado de discussão. Morse, falando *a partir* da história, pôde com mais liberdade incorporar a erudição como fonte de interpretação historiográfica, e como nunca esteve afinado com o projeto da história científica; e, em obediência sincera às suas crenças intelectuais, passeou irreverente e assistemático por fontes não convencionais, desprezou documentos oficiais, inverteu ordens de prioridade, e provocou críticas duras não só da comunidade de cientistas sociais, como também da grei de historiadores de seu país e de fora. Feria, sem se intimidar, os cânones estabelecidos, ofendendo incessantemente as convenções. Retirando da erudição e do agudo senso de humor autoridade pessoal para prosseguir com teimosia em sua escolha, foi desenvolvendo um caminho solitário e abandonando o estilo de narrativa que obedece a um ordenamento linear como recurso compensador dos descompassos e da simultaneidade de estruturas díspares que coexistem no mundo real. Afinal, esta é, segundo Peter Gay, a função do relato historiográfico<sup>27</sup>. As exigências dos requisitos de exposição que fazem de um relato o relato historiográfico foram sendo transformadas de acordo com o próprio temperamento do historiador. E é possível que Morse tenha chegado à correspondência de que tratou Peter Gay entre o estilo de um historiador e a dimensão do mundo real que ele quer marcar. Ele escolheria a via do humor e da irreverência dos modernistas paulistas como bússola para sua visão e crítica da sociedade brasileira. Mas não deixa de ser curioso o fato de o historiador Morse ter no Brasil se ligado mais aos literatos e cientistas sociais do que aos historiadores. Poderíamos tomar isto como mais uma estripulia desse "americano intranquilo", que fez do humor e da erudição suas armas na rotina intelectual. A irreverência que o fez sempre pular

(26) Richard Morse, *A volta de McLuhanáima*, op. cit., p. 15.

(27) Cf. Peter Gay. *O estilo na história*. São Paulo: Companhia, das Letras, 1990.

(28) Cf. Antonio Candido, "Young Mr. Morse", in *Um americano intranquilo*, op. cit.

Recebido para publicação em fevereiro de 1995.

Helena Bomeny é socióloga, pesquisadora do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas/Rio de Janeiro e professora adjunta de Sociologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

as cercas disciplinares é responsável pelo cruzamento indisciplinado que faz entre história, ciências sociais e literatura. Sem dúvida, acho que se pode arriscar, foi da literatura, morada privilegiada do humor e da erudição, que Morse retirou autoridade para uma narrativa assistemática, intuitiva, povoada de *insights*, e enfim indisciplinada. De sua "volta desesperada para a cultura" e de sua paixão pela literatura pôde estreitar a comunicação intelectual mais própria à sua matriz de investigação e de intranquilidade intelectual. E de dentro deste campo, erudição e humor, linguagem e narrativa se misturam ecumenicamente, diluindo as diferenças e aproximando culturas, como tão finamente nos disse Antonio Candido<sup>28</sup>.

---

Novos Estudos  
CEBRAP  
N.º 42, julho 1995  
pp. 149-160

---